

TRINHA LIVE

À Biblioteca Pública de
Braga

22
JANEIRO
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Sem varinha de condão

— Na verdade, seria bom, seria óptimo, seria maravilhoso que a cada ministro, a cada secretário de Estado, a cada subsecretário coubesse, no acto da posse, uma varinha de condão, igual à das fadas, amigas da nossa infância.

Um rápido toque de varinha mágica — e logo todo o país apareceria coberto de escolas moderníssimas, bem mobiladas, bem equipadas, cada qual com amplo e bem cuidado jardim à volta e dotadas, todas elas, de aquecimento central. Outro toque — e logo haveria também, em número muito mais do que suficiente para todas essas escolas, competentes professores dos dois sexos, admiravelmente preparados para o desempenho da sua missão e animados por um espírito de autêntico sacerdócio.

Vamos, um toque mais — e não teríamos em todo o

país senão hospitais não menos modernos do que as escolas e sempre, sempre com mais camas do que enfermos; e o sonho de todo o médico recém-diplomado seria estabelecer-se na aldeia mais sertaneja e mais pobre, só evidente sacrifício aceitando ficar nas grandes cidades, repletas de tentações.

Ainda outro toque da varinha mágica — e, depois do prof. Veiga Simão e do dr. Rebelo de Sousa, rejubiriam agora o dr. Dias Rosa e a sua equipa: multiplicar-se-iam as fábricas, prosperariam par-a-par as antigas e as novas indústrias, subiriam vertiginosamente os índices de exportação e a nossa principal dificuldade seria apenas a de escolher, entre os mercados que por todo o lado se abriam aos nossos produtos, os que mais nos conviessem e melhor

(Continua na 4.ª página)

Banda dos Bombeiros V. de Amares

Há certas pessoas que gostam de inventar. Inventar para criar mau ambiente em qualquer coisa que não lhes caia, qualquer coisa a que tenham raiva, que não possam tragar.

Já há tempos ouvimos dizer que certas pessoas diziam que a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares iria acabar, iria «rebeitar».

Claro que isto levou-nos, como não podia deixar de ser, a avistar-nos com a Direcção da referida Banda e o que soubemos e ouvimos da boca dos responsáveis vamos dar à publicidade:

Que a Banda nunca rebeitará. Bem pelo contrário contratou este ano mais elementos novos de certo valor que muito irão contribuir para que a Banda leve com mais respeito o nome de Amares por todo o País. E mais: Que pessoas dessas, invejosos de calibre, não cabem no terreiro das Grandes Organizações.

Bem haja, Direcção da Velhinha e Gloriosa Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares.

Na Casa do Minho o X almoço bracarense faz-se no domingo, 30

Mais uma vez, com a realização do X Almoço Bracarense, que o mesmo é dizer do Distrito de Braga, o succulento e saboroso sarrabulho à moda da Cidade Primaz, acompanhado pelas papas e pelos rojões rescendentes a cominhos, vai ter, no domingo, 30, as honras que já tradicionalmente lhe são prestadas na Casa do Minho.

Precedido no luto cortejo da ementa pelo presunto de Terras de Bouro, óptimo para abrir o paladar, e pelo recheado e famoso bacalhau à Narcisa, seguem-se-lhe o pão-de-ló de Celorico, outros doces regionais e as laranjas temporãs de Amares tudo bem regado pelos frutinós e crepitantes verdes das Caves «Montanhez» de Celorico de Basto.

As inscrições que são limitadas, encontram-se abertas na sede da Casa do Minho, Rua Victor Cordon, 14-2.º.

Grande Feira Franca e Concurso Pecuário de Gado Bovino, Barrosã, Leiteiro e Suíno

PROMOVIDO PELO GRÉMIO DA LAVOURA DE AMARES, e subsidiado pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho, Junta Distrital de Braga e Grémio Distrital dos Comerciantes de Carnes de Braga, realiza-se no próximo dia 6 de Fevereiro, no Largo D. Gualdim Pais, da vila de Amares, a tradicional Feira Franca e Concurso Pecuário.

A Comissão, da qual fazem parte além da representação do Grémio da Lavoura, Delegados da Câmara Municipal, do Comércio e com assistência da Intendência Pecuária de Braga, elaborou já o respectivo programa que publicaremos em breve.

Trata-se de um certame de grande repercussão para a lavoura pois ali comparecem exemplares magníficos de animais das diferentes raças, além das chamadeiras com os seus trajes vistosos e garridos.

Fazem-se esforços para que a Feira e seu Concurso tenham a maior frequência

em número e qualidade, fazendo-a regressar aos tempos do seu maior luzimento e significado.

A Lavoura Concelhia tem, neste caso, a palavra mais significativa na valorização de um acontecimento que lhe pertence e que de todas as maneiras é a expressão do seu valor e das suas possibilidades.

Ciclos de crise sempre os houve inegavelmente vivemos um, mas deles sempre se saiu por reacções que são o chamamento que se faz a todas as possibilidades.

A Feira pode e deve ser o acontecimento que mostre que não estão extintas as possibilidades de útil reacção aos factores decadentes a que se chegou.

A Direcção do Grémio da Lavoura ao dar mais este ensejo de encontro aos nossos agricultores criou, mais uma vez, a ocasião necessária para a reunião de valores que é preciso inspirar para se criarem as condições que não-de de ser a causa do triunfo da nossa agricultura.

O Instituto de Investigação Pedagógica

A investigação pedagógica tem no mundo actual um tão grande alcance que, além de contribuir para o progresso da educação, em geral, garante a liberdade total da elaboração dos programas. O exemplo é-nos dado pelo Japão que, no intuito de fazer face às necessidades de reconstrução no domínio da educação nacional do pós-guerra, criou, em 1949, o Instituto de Investigação Pedagógica em substituição do Centro Nacional de Formação Pedagógica no Decurso do Emprego.

O Instituto, sob os auspícios do Ministério da Educação, tem, portanto, como principal objectivo, o de empreender as investigações pedagógicas fundamentais e completas para, directa ou indirectamente, fornecer uma informação e um material indispensável à elaboração política e educação do Governo central e das autarquias locais. Para o efeito, o Instituto está em íntimo contacto com as autoridades locais e as instituições académicas e com os outros centros pedagógicos e de ensino disseminados pelo país.

Quando, a partir de 1947, foi criado, conjuntamente com o Instituto de Investigação Pedagógica dois anos mais tarde, o programa regional da Unesco para investigação pedagógica na Ásia, o Instituto ajudou os países asiáticos membros da Unesco, a desenvolver as actividades afins, pelo que a sua projecção se elevou à escala mundial.

Composto por cinco departamentos de investigação, um de relações exteriores, uma biblioteca sobre educação e um departamento de assuntos gerais, o Instituto presta assistência financeira com os fundos provenientes dos meios industriais e do erário japonês.

Quanto a uma estrutura, a nível nacional, o Instituto foca, essencialmente, entre outros, os seguintes pontos: estudos comparados sobre problemas do ensino superior, manuais escolares e formação de professores. Sondagem de opinião referente à personalidade dos

estudantes do ensino superior e estudos sobre: o programa da educação pré-escolar, a eficiência dos processos de ensino e de aprendizagem e as funções educativas da família, a idade da entrada na escola e da duração da escolaridade obrigatória.

Quanto ao nível interna-
(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

O meu Leitor, se é que tenho algum, está cheio de saber que sou dos poucos, nesta idade, a apreciar a Juventude. Tenho o defeito, é certo, de lhe chamar Juventude, mas isso não vem ao caso. É que sei distinguir!

Mas o que se passa nesta altura, com o Festival da TV, tem o seu quê de insólito. Tão insólito como o caso de eu chamar a determinada camada juvenil *Juventude!* Neste caso até eu!

Erigiu-se, como de costume, o Festival da Canção Portuguesa, para concorrer ao Festival Europeu da TV.. Bem! Fiquei entusiasmado pelo facto do júri decidir escolher canções de não consagrados, mas de novos, juvenis, que sabem o que pretendem e para onde vão. Pois, logo, na sequência do insatisfeito «clan» doutros jovens, — os tais que metem nojo na sua estrutura ideológica contestatária e cujo idealismo é severamente comentado pela maioria juvenil — apareceram uns minoritários a segregarem o ideário dos outros, que se apresentaram na mesma temática da canção moderna e não foram preferidos.

Resultado: contestaram. Está na moda! Ora, esta moda já é borolenta! Tão borolenta que eu, ao saber e ler nos jornais que o sr. Ary dos Santos (até o primeiro nome me cheira a feudo, por força do «y» que já nem consta dos dicionários modernos portugueses), poeta que se julga émulo dos poetas antigos e é dos moder-

(Continua na 4.ª página)

Entre nós, Mulheres...

Dentro de uma semana chega a nova moda Italiana

Contra a opinião de alguns dos costureiros italianos, que desejariam fosse abolida uma data fixa para a passagem das colecções, trinta e duas casas da alta-costura apresentam, em Roma, as suas novidades, de 15 a 20 de Janeiro.

Correm muitos boatos sobre a nova moda e o de maior força é aquele que afirma ser o preto a cor-vedeta das passagens a desfilar. Já no semestre passado, o negro fora apresentado como tom da mais alta elegância. O que é certo, porém, é que as raparigas (à parte em camisolões e calças compridas) não se entusiasmarão nada com ele no estilo de «mais vestir», para o que deram preferência ao castanho. No contrário delas, as senhoras com mais de quarenta anos apressaram-se a comprar ou mandar fazer um vestidinho preto e isto, certamente, em memória de modas passadas.

O preto é lindo, mas precisa de ser acompanhado pela graça das pérolas ou de uma joia cintilante, mesmo que seja falsa como Judas. Ora as pérolas e as joias continuaram fora de moda na presente estação. Daí ter o vestidinho negro perdido muito do seu encanto. Mas, segundo consta, as pedras reluzentes e as pérolas regres-

sam com todo o prestígio da sua beleza e, nesse caso, o preto brilhará novamente. De resto, também consta que vai aparecer no género alfeiate, para as senhoras usarem nas horas práticas.

Outro boato diz respeito à malha e garante que ela vai ser o material número um dos colecções, destronando a própria sêda natural. Haverá muitos tons lisos, se bem que os estampados — com desenhos 1972 — apareçam ainda em força. O estilo «saco» dará lugar ao estilo trabalhado, com o emprego de hábeis drapeados, que — afixam os boateiros — são um verdadeiro «sonho».

A mala de mão apresenta-se bastante diferente. Sempre em tons sóbrios — preto, azul escuro ou castanho — e grande, pois as mulheres dos nossos dias (saindo de casa pela manhã e regressando à noite) precisam de enfiar nela tudo aquilo de que necessitam durante doze horas. Será, pois, de estilo um pouco desportivo, com uma ou duas asas. Para as horas elegantes renasce a carteira-envelope (grande) que se usa debaixo do braço, o que constitui problema nos «cocktails». A pelica, o cabedal e a camurça (apesar de se tratar da moda

primavera-verão) são os materiais mais empregados.

Lenços de seda quadrados substituirão as echarpas compridas das últimas estações — e, para contrastar com os tons lisos da maioria dos vestidos e dos casacos, cheios de cor e de desenhos exóticos.

Por último, corre que as calças compridas chegaram ao seu ocaso, porque as meias voltam, a tomar grande importância pela sua finura, pela sua transparência e pelas «baguetes» bordadas que ostentam a um dos lados ou atrás, no lugar das antigas costuras.

Isto é o «diz-se-diz-se» em Roma. O que a moda italiana vai ser de verdade só lá para o fim do mês o sabemos.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Telefones dos Bombeiros V. de Amares 62162

Grandes festas a S.to Amaro



Amanhã, Domingo, realizam-se as já tradicionais festas em honra de S.to Amaro de Prosêlo.

CALAFRICO

(Continuado do número anterior)

«Disse que êle procurava com a vista qualquer outra pessoa — qualquer outra pessoa que não a Miss?»

— Procurava o menino Miles». Uma prodigiosa ideia se apossou então de mim. «Era o menino quem êle procurava.

— Mas como percebeu isso?

— Percebi-o, percebi-o, percebi-o! «A minha exaltação aumentava. «E a senhora sabe-o, minha querida amiga!»

Ela não o negou, mas nem era preciso dizer tanto. De qualquer maneira, resumiu-o de um momento para outro.

«Que aconteceria, caso êle o tivesse visto?»

— O menino Miles? Era do que êle precisava».

Pareceu, de novo, muito surpreendida.

«O menino?»

— Deus o não permita! O homem tem necessidade de lhes aparecer». Que êle o pudesse, que ideia horrível e, no entanto, de algum modo, pude manter essa ideia a distância; eis o que, se ali nos demorássemos, eu conseguira facilmente provar. Eu tinha a absoluta certeza de que poderia voltar a ver o que já vira, mas uma voz interior dizia-me que se me oferecesse corajosamente como único objecto de uma tal experiência, aceitando, provocando, suportando tudo isso sózinha, poderia ser uma espécie de vítima espiatória, defendendo assim a tranquilidade dos meus companheiros. Pelo menos no que dizia respeito às crianças, podê-las-ia defender e salvar completamente. Lembrou-me de uma das últimas coisas que naquela noite disse a Mrs. Grose.

«Espanta-me que os meus pupilos nunca tenham feito qualquer alusão...»

Ela olhou para mim demoradamente enquanto eu, pensativa, me detive.

«Tendo êle estado aqui, e o tempo que êles estiveram com êle?»

— O tempo que êles estiveram com êle, e o nome dêle, a sua presença, a sua história, tudo isso.

— Oh, a menina não se pode lembrar. Nunca ouviu nada

nem nada soube.

— Das circunstâncias em que êle morreu?» disse eu com certa vivacidade. «Talvez não. Mas Miles deve lembrar-se — Miles deve saber.

— Ah, não lho pergunte!» suplicou Mrs. Grose.

Retribuí-lhe o olhar que ela me tinha dado.

«Não tenha medo,» continuei, pensativa.

«E' um pouco estranho.

— Que êle nunca tenha falado nêle?»

— Nem a mais pequena alusão. E diz-me a senhora que eram muito amigos.

— Oh, não era êle! «declarou Mrs. Grose com ênfase.» Era Quint quem sympathizava com o menino. Quero dizer que gostava de brincar com êle — estragá-lo». Calou-se um momento; depois acrescentou: «Quint tinha liberdade demais».

Isto lembrou-me, como consequência imediata a visão da cara dêle — oh, que cara! — uma espécie de náusea.

«Liberdade demais com o meu aluno?»

— Liberdade demais com toda a gente!»

Contive-me, por então, de levar a análise disto muito mais além da consideração de que uma parte do que ela acabava de dizer se applicava a alguns dos membros do pessoal da casa ou a meia dúzia de criadas e criados que ainda faziam parte da nossa pequena herdade. Mas o facto de não haver memória de nenhuma lenda desagradável nem de nenhuma perturbação provocada pelos bichos da cozinha estar ligada àquele velho e simpático local, tudo isso era matéria para as nossas apreensões. Bly não tinha mau nome nem má reputação; e Mrs. Grose, era bem de ver, apenas desejava juntar-se a mim e tiritar em silêncio. No entanto, como era a última coisa que tinha a fazer, tratei de a pôr à prova. E foi o que fiz quando, cêrca da meia-noite, ela se dispunha a partir, já com a mão na porta da sala de estudo.

«Posso assegurar então que, na sua maneira de vêr — e isto é muitíssimo importante — êle era definitiva e admitidamente mau?»

Oh, admitidamente mau, não. Eu sabia que sim, mas o patrão, êsse ignorava-o.

— E a senhora nunca lho disse?

— Bem sabe, êle não gosta de mexericos, destas queixas. Tratava em duas palavras todas as questões deste género, e desde que uma pessoa se portasse bem para com êle...

— Não queria que o incomodassem com coisa nenhuma?» isto condizia perfeitamente com a impressão que eu tinha dêle

«Continua no próximo número»

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Música de Amores

O Correio do Minho, jornal Diário de Braga, veio com um comunicado alarmante para as pessoas ciosas dos seus pergaminhos que vivem em Amares ou deste concelho sejam filhos. Esse comunicado, porém, tranquilizou os apaixonados porque o boato não tinha fundamento pois a Banda de Amares nem pensou sequer em dependurar os instrumentos quanto mais em ter de os vender se acabasse como afinal se conclui dessa notícia.

Banda de Entre-Homem e Cávado

Vila Verde e Amares vivem tradicionalmente com afecto. Uma velhíssima pleiade de homens ilustres atravessou o rio Homem e radicou-se em Amares. Nunca secou o caudal do rio nem nas veias dessa boa gente a sã amizade. Estamos porisso todos interessados na conservação desse elo e do progresso dos dois lindos concelhos. Qualquer bairrismo exagerado pode provocar um desgosto. Creio que os homens actuais de Amares e Vila Verde terão na devida conta o que vale a solidariedade humana. É justo e até devia ser obrigatória a existência de uma banda musical em todos os concelhos do país. A música faz parte da Cultura Universal. Não estamos em país que aguento essa necessidade porque os encargos oficiais, que não podiam faltar, não podem contar de um orçamento com despesas extraordinárias no Ultramar e outras respeitantes à instrução ou à exigência da cultura de todo o cidadão nacional que até há pouco vivia sem barómetro educacional. Sendo assim só a união faz a força e Vila Verde e Amares tiravam o letreiro com o nome que as bandas mantêm e substituíam-no com o de «Banda de Entre-Homem e Cávado».

Os elementos juntos, práticos e valiosos, formariam um conjunto de admirável apreço para combater com qualquer banda que lhes aparecesse. Esfacelados como estão por carências de elementos, difíceis de recrutar com as obrigações da actual juventude, Vila Verde e Amares fazem figura mas não podem prescindir de recursos estranhos bem pagos.

Se o capricho ou bairrismo continuar essas bandas podem funcionar mas não elevam o nome das terras ao

ponto que elas merecem. Nada de ilusões porque os mantenedores apaixonados dessa apreciável arte são poucos e precisam de larga carteira para evitar o desagregamento.

Música na Escola Primária

E já que abordamos o assunto musical, mais uma vez lembro que a música deve constar dos programas escolares de instrução primária. É lá e na idade dos instruídos que se podem formar em todo o país milhares de rapazes e raparigas, que pela vida adiante aproveitarão esses alicerces que tanto os valoriza como valorizaria a Nação que tem a genial ideia de lhe dar esse dote.

Como vai a nossa agricultura

A minha opinião e a minha situação de lavrador — proprietário enquadram-se bem com a do distinto autor do artigo publicado pela Tribuna Livre no seu último número. Precisamos de um Ministério da agricultura dirigida por um homem da província que tenha nascido e vivido os problemas agrícolas, ainda que lhe seja dispensada a formatura em assuntos agro-pecuários, quasi sempre em desacordo. Temos muita gente com grande capacidade a quem faltará o que é exigido e é pena que esses elementos não possam ser aproveitados para ver se se valia a pena a experiência. Para já e se assim tivermos de continuar até aparecer um D. Dinis venham pelo menos os preços dos produtos actualizados e uma garantia de colocação ainda que o Governo tenha de sofrer qualquer prejuízo com a sua inutilização ou oferta a casas de caridade.

Aniversário

No próximo dia 27, passa mais um aniversário natalício o nosso estimado assinante sr. Narciso Augusto de Jesus Gonçalves, residente em Beauvais — França, filho do também nosso assinante sr. Augusto de Jesus Vitoriano.

Por tão feliz data seus pais, manos e sobrinhos, desejam-lhe que passe um aniversário muito feliz e, enviando-lhe parabéns, desejando-lhe que os seus planos futuros sejam coroados de êxito e felicidades.

Tribuna Livre cumprimenta também o Narciso e igualmente lhe deseja muitos parabéns.

Vida Alegre

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 22, a Ex.ma Senhora D. Júlia Fernanda de Oliveira e Silva, esposa do sr. prof. Domingos M. da Silva.

No dia 24, o sr. António de Almeida e o sr. Manuel Armindo Vitoriano Veloso Soares.

No dia 25, o sr. Augusto de Barros Azevedo, actualmente a cumprir serviço militar.

No dia 26, o sr. António Geraldino dos Santos Meneses.

Aniversário

No próximo dia 28, passa mais um aniversário natalício da menina Maria Teresa Gonçalves de Jesus, ausente com familiares em Beauvais, França.



Por tão faustoso acontecimento, seus pais, irmãos, sobrinhos e uma pessoa amiga felicitam-na e fazem votos que esta data se repita por muitos e felizes anos. Parabéns.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	56\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	160\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

À MINHA TERRA

Nobre Pátria, minha Terra,
Essa que me viu nascer...
Eu por Ela hei de lutar
Hei de cumprir meu dever...

Nações de orgulho e vaidade
Que lutais pela ambição,
Espesinhais minha Terra
Mas a Lusa-História, não!...

Como poderá morrer
O génio desta nação?...
As outras, embora grandes,
Ao pé d' Ela, andam no chão...

Lutamos por nossa Pátria
Para bem, não para mal,
Mostremos ao mundo inteiro
Qu'inda existe Portugal...

Mães, não choreis pelos filhos,
Deixai-os buscar a glória
E amanhã, co'o sangue deles
Há de se escrever a História...

Deixai-os partir, deixai,
Dai-lhe alento á partida,
E veremos novamente
Nossa Terra inaltecida...

Partamos juntos, soldados,
E não haja desalento;
Eia... vamos para a frente,
Levantai velas ao vento.

CASA DO MINHO

Corpos Gerentes para o Exercício de 1972

Assembleia Geral

Presidente — Dr. Nuno Simões
Vice-Presidente — Dr. António Palhares Martins Delgado
1.º Secretário — Dr. José Macedo e Cunha
2.º Secretário — Adérito José Pires Moreira
Suplentes — Isidoro Teixeira
— Décio Gaspar Soto Maior Gondim e Passos

Comissão Central do Conselho Regional

Presidente — Prof. dr. Padre António da Silva Rego
Vice-Presidente — Eng.º Alberto Ribeiro da Costa Guimarães
Vogais — Dr. João de Mattos Chaves
— Dr. José Pimenta de Lacerda e Megre
— Prof. António Lino da Veiga Ferreira Pedras

Conselho Fiscal

Presidente — Dr. Bento Coelho da Rocha
Secretário — António de Azevedo
Relator — Dr. José A. de Sousa Barros
Suplentes — José Maria Fernandes Matias
— Eduardo Luís Dias

Direcção

Presidente — Artur Maciel
Vice-Presidente — Gaspar Passos de Almeida
1.º Secretário — José Baltazar da Fonseca Santos
2.º Secretário — António Joaquim da Mota e Campos
Tesoureiro — António Barros Gonçalves
Vogais — Amadeu dos Passos Nogueira de Sousa
— Abílio José Rodrigues Júnior
Suplentes — Casimiro Fernandes Matias
— Joaquim António Veloso

Sem varinha de condão

(Continuado da 1.ª página)

aceitassem os nossos preços simultaneamente, a agricultura deixaria de sofrer com a geada, com a seca, com o vento, com a pobreza dos solos, com a falta de mão de obra, com a ganância dos intermediários, com o rotineirismo de muito lavrador...

O dr. Moreira Baptista, apesar dos quatro milhões de turistas que tivemos em 1971 portas adentro, não queriria também, exigente como é, abster-se de um toque da varinha mágica nas coisas do turismo — e por toda a parte, em todos os hotéis, estalagens e pensões, passaríamos a poder comer os pitéus suculentos que por obra e graça da SEIT já se comem, por esse país além, na maioria das pousadas, em lugar da eterna e enjoativa ementa, constituída pelos filetes de pescada com salada de alface e pelos escalopes de vitela... mais ou menos vaca.

Infelizmente, afigura-se-nos que as histórias em que figuram as varinhas mágicas são cada vez menos apreciadas, até pelas crianças (aos treze anos já elas andam por aí com os livros de Marcuse debaixo do braço...) e talvez por esse motivo as fadas, sobretudo as fadas boas, votaram-se voluntária e amuadamente a um discreto ostracismo: não há por aí quem depare com uma a transformar, sorridente, calhaus em diamantes — ou poeira dos atalhos em legítimo pó de oiro.

Vem tudo isto, embora não o pareça, a propósito do orçamento do Estado para 1972. Por outro lado, não aumentou, em 1971, a carga tributária, nem se prevê que venha a ser aumentada este ano. Por outro lado, e sem que deixássemos de ter que suportar uma guerra em três frentes e mais na quarta frente, que é a internacional, foi viável aumentar muito substancialmente as dotações de alguns Ministérios, tais como o da Educação Nacional e o

da Saúde e Assistência. E, como as fadas andam arredias, sabe Deus por que longínquas paragens, temos então de concluir que só através de um contróle em extremo rigoroso da angariação e distribuição das receitas do Estado — só, portanto, através de uma atenta e cuidadosíssima administração — foi possível conseguir-se o que se conseguiu. Não se julgue, todavia, que um Governo pode automaticamente realizar tudo o que projecta, desde que disponha dos meios materiais para o fazer. Muita vez o que paraliza esta ou aquela máquina ou lhe retarda o ritmo de rendimento é não se encontrar o homem preparado para a pôr a funcionar em pleno. Ora nesse aspecto a pressa não paga.

Portugal está nos caminhos certos dos progressos. Outros caminhos (ainda que porventura mais aliciandos) não levam aonde queremos e devemos ir. Mas em todos os sectores da vida nacional há ainda, por desgraça, uma terrível escassez de homens plenamente conscientes das responsabilidades que a todos nós cabem nesta hora e capazes de acertar o passo pelo do Governo a que preside o Prof. Marcello Caetano e fazê-lo com decisão, com entusiasmo e com aquela confiança no futuro, sem a qual é impossível a uma comunidade andar decididamente para a frente — e chegar à meta. Aquela meta que, nas suas extensas mas vibrantes exposições, apontou aos portugueses o ministro da Educação Nacional — novas Escolas, novos Liceus, novas Universidades, novas gerações animadas pelo amor a Portugal e pelo desejo de assegurarem a este, no dia de amanhã, um lugar ao sol senão entre os países mais ricos do globo, pelo menos entre as nações mais progressivas e dotadas de maiores virtualidades e maiores motivos de esperança.

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

nos, se dignou apresentar numa casa de fados de Lisboa os seus textos que foram eliminados na jurisdição televisiva.

Estamos ou não subordinados à teórica contestação que reina no meio-mundo?

Isto quer dizer que, se amanhã for possível encontrar um crítico capaz (o que duvido neste tempo) o criticado não pode concordar...

Chegamos a esta pouca vergonha: o poeta faz um poema. O músico elegeu a sua teórica musicalidade.

O juri elimina-a. Logo, o poeta, cujo poema não conta para a canção, — pois se trata de canção, que é o que vale perante o juri (a música) — vem polemizar tal veridicto.

Tenha paciência, Leitor: ature-os que eu já os conheço...

EME ABRIL

O Instituto de Investigação Pedagógica

(Continuado da 1.ª página)

cional, relativamente aos países da Ásia, são estabelecidos três pontos essenciais de carácter genérico e cujos resultados foram publicados já num relatório intitulado: «Comparative Study on curriculum Development at the Stage of Elementary Education in Asian Countries».

Outro propósito do programa Regional Unesco-Instituto de Investigação Pedagógica, prevê, para este novo ano de 1972, estudos aprofundados sobre os objectivos da educação e os resultados efectivos em determinados países da Ásia.

Por intermédio do Departamento de Relações Exteriores é oferecida assistência e são dadas sugestões aos professores e às autoridades escolares, tanto a nível local como nacional, acerca de todos os problemas resultantes da investigação pedagógica e da política educativa da juventude.

O futuro desenvolvimento do Instituto implica a expansão das actividades de investigação nos domínios do ensino superior, tecnológico e científico e no estudo da educação artística.

J. de F.

Leia,

Propague e assine

Tribuna Livre

Visado pela Censura

Semana da Unidade Cristã

Celebra a Igreja nesta Semana a Unidade cristã.

Nesta era em que o Concílio Vaticano II tanto se empenhara pela unidade dos Cristãos e que esbarramos com tantas e retrógradas ideias e atitudes num mundo conflituoso e divergente, chama nos a Igreja a refletir no sentido de unidade e de paz, entre nós Católicos e os nossos irmãos transviados, afastados do redil verdadeiro a que Jesus Cristo, com a sua vinda ao Mundo, nos convidara.

O Homem, porém, sedento de renovações, exigente e pouco compenetrado no sentido de unidade e de transcendência, afastara-se, criando concepções ditadas por cérebros emboídos de egoísmo e ambição de glória, se quiseram imortalizar falhando trágicamente no alheamento às palavras de Jesus Cristo «Quem comer deste Pão e beber deste Vinho viverá para sempre!»

Cristo Jesus, foi bem claro neste pormenor; não prégou adjectivos nem advérbios; prégou sim, substantivos: Unidade, Amor, Humildade! Ele, Jesus Cristo, foi bem o exemplo da humildade! Ele é o Amor íntegro, inigualável!

Unidade!: Vida simbolizada através do Pão Eucarístico. Um só na unidade cristã! «Um só rebanho para um só Pastor», ideal prégado

por Jesus, íntima aspiração do Senhor!

«Que todos sejam um!» Não pode haver vida sem amor! O amor é Jesus, o amor em toda a sua plenitude!

Onde está pois, a unidade prégada por Jesus? — Onde está o nosso amor? — Onde a nossa humildade?... Sem humildade não se processa a salvação, e a salvação é um facto! Não é uma utopia! A salvação processa-se, a salvação acontece, e acontece se nós a quisermos, se nós fizermos por isso, em suma, se a nossa vida estiver plena de amor, de humildade, de caridade, de união! «Eu sou a Luz!» A Igreja é uma luz de facto; uma luz que aquece, uma luz que ilumina, uma luz que salva! «Eu sou o sal de terra!» A Igreja é verdadeiramente o sal da terra; um sal que preserva da corrupção, um sal que apalada os nossos actos, a nossa presença viva na comunhão dos santos militantes, que nos conduz, que nos eleva a Deus!

Jesus pede a unidade! «Pai, conserva-os unidos!»

O mundo esqueceu este grito de Jesus, este grito de amor e de verdade!

Vivamos pois unidos, a fim de, unidos, passarmos, na mesma união, da Igreja militante à Igreja Triunfante!

Porto, Janeiro de 72

Gota d' Orvalho



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1930

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão — Telef. 22525 — BRAGA

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.M.ta)	62163
Bombeiros Voluntários	62162

«A RIVAL» — CASA DE PASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servido c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares